

EDITORIAL

Analúcia Danilevicz Pereira

Junho/2023

A visão predominante na narrativa política e acadêmica ocidental sobre a África retrata o continente como sendo permanentemente instável. Ainda que sob uma perspectiva aparentemente crítica, discutiu-se a retomada da importância estratégica da África a partir da ideia de uma “nova partilha”. É inegável que o continente africano recuperou sua importância estratégica após as décadas perdidas nos anos 1980 e 1990, fortalecendo os Estados Nacionais, suas instituições e organizações regionais. Certamente, níveis de instabilidade são uma realidade, porém, muito mais complexa. O potencial de crescimento e de desenvolvimento tem colocado os Estados africanos em uma posição relevante para atuar positivamente sobre as grandes disputas internacionais sistêmicas, que opõem projetos antagônicos por parte das Grandes Potências (Ocidente “militarista” x Oriente “desenvolvimentista”). Além disso, é importante observar os mecanismos que esses Estados utilizam para lidar com os impactos produzidos pela instabilidade internacional.

Recentemente, acompanhamos uma nova escalada de conflito no Sudão (abril de 2023), explorada pelos analistas como mais um momento ilustrativo da “desordem” africana. Ao analisarmos o conflito entre os dois grupos militares, percebe-se que a disputa por poder e por recursos não ocorre de forma isolada, mas está ligada aos interesses internacionais e aos projetos antagônicos mencionados, bem como ao padrão de cooperação internacional pretendido. Ao mesmo tempo, processos positivos, como as tentativas de proteção dos modelos nacionais frente a ameaças desestabilizadoras no Sahel (Guerras Híbridas, Revoluções Coloridas, Mudanças de Regime e ondas de terrorismo, por exemplo), pouco são analisados. Pouco explorada, também, foi a ação dos líderes africanos para propor um plano de paz à Rússia e à Ucrânia, acolhido pelo presidente russo e rejeitado pelo ucraniano. Em um movimento diplomático ousado, sete Chefes de Estado africanos, representando suas regiões, formaram a delegação da Iniciativa de Paz Africana.

Os Estados africanos, assim, vêm se apresentando como atores importantes que, individualmente ou nos fóruns multilaterais, têm indicado uma possível maioria em torno da construção de uma ordem internacional estável, que permita ao mundo em desenvolvimento condições favoráveis à coexistência dos diferentes projetos nacionais. Neste número da RBEA, são apresentados sete artigos de autores do Brasil, de Cuba, dos Emirados Árabes Unidos, da Etiópia, de Moçambique e do Quênia. Os textos discutem temas relevantes, como cooperação internacional, questões securitárias e de desenvolvimento econômico e político.

Em “A crescente influência global da Ásia: um estudo da política da Índia para África”, Hamdy A. Hassan discute o papel do soft power nas relações Ásia-África, com foco na política da Índia para o continente africano. Yoslán Silverio González, no artigo “Terrorismo contemporâneo: uma perspectiva teórica”, analisa o terrorismo como uma tendência em expansão, que tem impacto significativo na segurança mundial. Segundo o autor, a maioria das análises sobre essas questões feitas por acadêmicos ocidentais é permeada por uma abordagem que associa o terrorismo ao “jihadismo”, ao “islamismo” ou, pior, que não faz distinção entre movimentos armados com reivindicações sociais ou territoriais e grupos terroristas. “A evolução das operações de paz da ONU sob o enfoque da segurança humana: o dilema na questão do Saara Ocidental” é apresentada por Guilherme Moreira Dias, José Maria Sydow de Barros e Túlio Pires Barboza. Os autores analisam a questão do Saara Ocidental sob o enfoque da segurança humana e da evolução das operações de paz da ONU inserida no contexto da ampliação da agenda de segurança internacional.

Na sequência, são apresentadas duas análises sobre Moçambique, sob o ponto de vista político e securitário. Ercílio Neves Brandão Langa, no artigo “Análise de conjuntura do governo Chissano: transições domésticas e pragmatismo econômico em Moçambique (1986-2004)”, analisa a conjuntura política de Moçambique durante o Governo Chissano. Já Fátima Chimarizeni Papelo discute os “Desafios e oportunidades emergentes na assistência humanitária em Moçambique: estudo de caso de Cabo Delgado”. Para a autora, as agências humanitárias internacionais em Cabo Delgado têm assumido responsabilidades no espaço humanitário que as colocam em situações ambíguas e criam desafios à assistência humanitária e à coordenação das ações. Todavia, o Estado moçambicano deve redefinir sua estratégia e adotar um posicionamento nacional proativo.

Nancy Githaiga e Hailay Shifare, no artigo “Os impactos econômicos locais das vias férreas: a ferrovia de bitola padrão (SGR) no Quênia”, discutem

o projeto da SGR como tendo efeitos econômicos mistos. Segundo os autores, durante o planejamento e construção da SGR, os valores da terra e da propriedade, bem como as atividades comerciais ao longo do percurso, aumentaram em resposta às mudanças nos padrões de distribuição e de utilização da terra. Além disso, Quênia e China devem abordar conjuntamente as questões do emprego e da transferência de competências. Por fim, no artigo “Cooperação técnico-militar do Brasil com a Namíbia: aspectos de uma parceria estratégica”, Kamilla Raquel Rizzi, Naiane Inez Cossul e Patrick Bueno analisam a consolidação da política africana do Brasil e as pretensões de reforçar sua posição geopolítica em seu Entorno Estratégico como fatores que motivam a busca de uma cooperação técnico-militar com a Namíbia, com ênfase na defesa de caráter estratégico.

A RBEA publica versão eletrônica bilíngue em português e em inglês. Assim, esperamos a contribuição de colegas do Brasil e do exterior, com os quais pretendemos estabelecer vínculos para o aprofundamento do conhecimento e a construção de uma visão do Sul sobre o continente africano e das relações com eles.

Agradecemos à Assistente de Edição, Mariana Vitola, e o apoio de Gabriela Bonness, Guilherme Geremias, Henrique Moura, Isabela Marcon, Isabella Cruzichi, Lucca Medeiros, Rafaela Serpa e Vinícius Baldissera. Agradecemos, também, à equipe do CEBRAFRICA, que trabalhou na revisão e tradução dos artigos.